

## A (des)identidade cultural do sujeito pós-moderno

Norma Ribeiro do Carmo.

Este ensaio pretende abordar questões concernentes ao sujeito pós-moderno, que vivencia os conflitos de identidade cultural, a fragmentação da sociedade moderna e o fenômeno da globalização. Para tal, faremos uso do poema "Ode à Tropicália", da poetisa contemporânea Laura Esteves, encontrado em anexo, juntamente com alguns textos de apoio, dentre eles o livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* de Stuart Hall.

O poema em questão, ao mesmo tempo em que mostra nossas riquezas culturais, faz críticas à sociedade de consumo e, por consequência, à globalização que acaba contribuindo para a introdução de uma cultura composta pela mídia. Já no título há uma espécie de intersecção de modelos culturais, pois uma ode seria um poema lírico composto de estrofes e versos de medida igual, sempre de tom alegre e entusiástico enquanto que o movimento denominado tropicalismo utilizava a irreverência, a improvisação.

Desse modo, temos o binarismo cultura canônica / cultura marginal dentro de um poema que possui um aspecto fragmentário, como se o mesmo englobasse concomitantemente uma classificação da poesia canônica, já que é uma ode, e fosse também "contaminado" em sua forma e conteúdo por um aspecto marginal, isto é, pela ausência de regras na composição dos versos, que são livres e não constituídos, segundo a determinação de convenções literárias tradicionais, além de desenvolver uma temática mais política do que lírica, partindo, para tanto, de uma discussão a propósito do que seja o "Tropicalismo".

O Tropicalismo, movimento cultural do fim da década de 60, utilizava a improvisação, o deboche e a irreverência, provocou mudanças na música popular brasileira que até o momento tinha a bossa nova como predominante. Esse movimento ressaltou em sua estética os contrastes da cultura brasileira, trabalhando com as dicotomias arcaico / moderno, nacional / estrangeiro e cultura

de elite / cultura de massa. Um dos pensamentos colocados era a necessidade de universalização da música brasileira em um contexto marcado hegemonicamente pela preocupação nacionalista de repelir a influência estrangeira.

Em “Ode à Tropicália” vemos que as dicotomias são apresentadas de forma irônica e estão presentes em todo o decorrer do poema, apresentando uma função puramente crítica. A autora faz uma espécie de jogo de oposições, mas usando o deboche, a ironia, aspectos do Tropicalismo, para expressar o descontentamento como vemos no trecho abaixo:

*o maior superávit primário,  
a maior fome,  
o maior futebol,  
a maior miséria,  
o maior carnaval,  
a maior floresta do mundo.  
a maior floresta do mundo.  
É a maior! É a maior!  
É a maior roubada.*

Vemos uma crítica a própria nação que, apesar de em alguns momentos dar a impressão de ser nacionalista, sofre uma influência estrangeira massificante, tanto política quanto cultural, há uma valorização do país quando se trata de futebol por causa da nossa tradição de vencedores em Copas do mundo *Em tempo, viva Ademir Menezes! / Viva Mané Garrincha! / Viva a Copa de cinqüenta! / Voa canarinho, voa.* Entretanto, parte dessa população tão nacionalista não dá quase nenhuma importância aos valores culturais como a poesia *Sabiá já foi pro exílio*, e a música *Pixinguinha centenário*.

Somos influenciados pela mídia constantemente com os inúmeros programas via TV a cabo que chegam em nossas casas diariamente, acentuando ainda mais o conflito de identidade cultural *Duzentos milhões em ação. / Salve a seleção (de basquete)... / da U.S.A., via canal da NET.* Os símbolos que representam o país nos esportes *Xô periquito, pintassilgo, papagaio* foram substituídos *Búfalos,*

*gaviões, rapinas.* Essas informações chegam com a nossa permissão, afinal não se trata de canais abertos, pois nós pagamos para sermos massificados por esses programas estrangeiros *Um enorme hipermercado. / Globalizado!!!*

Com aspecto da globalização surge também o desejo de consumir como os americanos *É um país legal, super neoliberal. / Seção de importados. / Jack Daniel, chicletes, games, / Reebok, rapadura, macacheira.* Só que a nossa realidade cultural ou de pelo menos a realidade de grande parte da população é muito diferente, *Ah, que orgulho! / “Eta, lougar arretado / parra eu jogar o minha esteirra”* ainda somos um país de contrastes.

Em algumas ocasiões, o eu lírico parece querer nos mostrar que grande parte da população parece ser totalmente alienada, ou seja, não toma sequer conhecimento dos problemas que assolam o país, como a fome, a miséria *Carinhoso, carcará, canário. / Pego, mato e como, que eu não sou besta. / Besta, que mata, é a fome.*

*Meu bumbum: papa fina.  
Preferência nacional.  
Gringo passeia, agarrado  
à boneca de pixe/cabelos de lã.  
Segura mãos, peitos, bunda  
Segura o tchan.  
Tchan! Tchan! Tchan!*

A crítica a cultura de massa que invade nossas casas está sempre presente. Esse tipo de mídia transformou a bunda em personagem, pois é como se a mesma tivesse vida própria. Ao assistirmos aos programas de entretenimento que passam aos domingos na TV, nos deparamos com várias mulheres se expondo como se fossem mercadorias e não devemos nos esquecer do carnaval que, apesar de fazer parte de nossa cultura, exportamos uma idéia muito forte de nudez que acaba sendo agressiva, transformando o nosso país em país do sexo *Gringo passeia, agarrado / à boneca de pixe / cabelos de lã* e, por conseqüência,

acabando com a imagem da mulher, já que essa exposição exagerada e vulgar dá a impressão de que somos apenas objetos *boneca de pixe / cabelos de lã. / Segura mãos, peitos, bunda* e não seres pensantes e formadores de opinião.

*Repito meus senhores:  
sinto orgulho de morar neste lugar.  
Brasil: americano/asiático/africano.  
Internacional!*

Tomando como referência a citação acima, a mesma passa a mensagem de que somos um país de várias raças, várias culturas, *Brasil: americano/asiático/africano. Internacional!*, mas onde está a nossa? Nós sabemos que cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou de uma nação e que a cultura não é uma realidade estanque, pois sua essência é encontrada na dinamicidade.

A cultura não permite apenas que se descreva e compreenda uma realidade, mas aponta caminhos para sua modificação, levando-nos a entender o processo histórico que produz a sociedade, a própria cultura, as relações de poder e o confronto de interesses dentro desse corpo social, contribuindo para o entendimento dos processos de transformação pelos quais passam as sociedades contemporâneas, ajudando-nos a pensar a nossa própria realidade social e o processo de construção de nossas identidades culturais.

*MIXegenado! Mistura tudo.  
Mistura fina, o mais novo prazer.  
Branco/ índio/preto/  
mameluco/mais maluco/  
cafuso/confuso/  
urubus/airbus/  
dengo/dengue.  
Quatrocentões sem grana.  
Emergentes com grama:  
celulares, BMWs, bytes, softs.  
Nada mais importa.  
Tudo importado.  
Aculturado.*

*A Barra é nossa Miami.*

*Que beleza!*

*Colonização.*

Na citação acima, temos um país formado pela mistura de raças *MIXgenado!* e influenciado pelo poder da propaganda *Mistura tudo. / Mistura fina, o mais novo prazer*. Essa estrofe também mostra uma ironia exposta no poema pelo uso da marca de cigarro, remetendo novamente à mídia, temos uma mescla entre os *slogans* das marcas *Carlton, um raro prazer e Mistura fina*.

O trecho *MIXgenado! Mistura tudo* lembra os costumes que são impostos pelo colonizador e que, por esse motivo, somos obrigados a aceitar mesmo que não concordemos, abrindo mão do direito de escolher se aqueles novos costumes são interessantes ou não para o nosso processo de formação de uma identidade cultural. Sendo assim, parece que essa mistura que começou pela da raça *Branco / índio / preto / mameluco / mais maluco / cafuso / confuso /*, passando pela tradição aristocrática *Quatrocentões sem grana* e que por último passou e está passando pela influência do dinheiro *Emergentes com grama: / celulares, BMWs, bytes, softs* sempre foi imposta pelo colonizador. A influência estrangeira foi tão dominante que agora *Nada mais importa. / Tudo importado. / Aculturado*.

O luxo e o lixo são postos em contato em *urubus/airbus, / dengo/dengue*, onde vemos que riqueza e pobreza acabam sempre se encontrando em algumas situações, basta lembrar o caso dos urubus que invadem a pista de pouso e decolagem do aeroporto e os inúmeros casos de dengue que ocorrem todo o verão no país inteiro.

O trecho *Branco/índio/preto / mameluco/mais maluco / cafuso/confuso* parece dialogar com a música “Etnia caduca” do cantor pernambucano Lenine, vejamos a letra:

*Etnia Caduca (Lenine)*

*É o camaleão  
Diante do arco-íris  
Lambuzando de cores  
Os olhos da multidão.  
É como um caldeirão  
Misturando ritos e raças,  
É a missa da miscigenação.*

*Um mameluco maluco  
Um mulato muito louco  
Moreno com cafuzo  
Sará com caboclo  
Um preto no branco  
E um sorriso amarelo banguelo*

*Galego com crioulo  
Nissei com pixaim  
Curiboca com louro  
Caburé com curumim*

*É o camaleão e as cores do arco-íris  
Na maior muvuca,  
Ô... etnia caduca!*

A expressão *Etnia caduca* nos remete a algo obsoleto e é disso que a música trata. Com um tom otimista, o compositor mostra a miscigenação como uma festa, em que as diferenças não existem mais *Galego com crioulo / Nissei com pixaim / Curiboca com louro / Caburé com curumim*, somos todos um só *É o camaleão e as cores do arco-íris*. Esse aspecto é visto como um fator positivo, diferente do poema que mostra uma miscigenação praticamente imposta pelo vencedor.

*Nada mais importa.  
Tudo importado.  
Aculturado.*

*A Barra é nossa Miami.*

*Que beleza!*

*Colonização.*

A citação acima tenta reafirmar como estamos em conflito com a nossa identidade cultural, como se nós não possuíssemos uma memória cultural e estivéssemos incorporando totalmente os costumes do nosso último colonizador já que *A Barra é nossa Miami / Que beleza! / Colonização*.

Dessa forma, percebemos que estamos ficando extremamente parecidos com o nosso colonizador atual. O *shopping center* é a catedral das mercadorias e do lazer reificado. Estamos ocupando o nosso tempo livre circulando nesses espaços e assim acabamos sujeitando o lazer a mercantilização. O lazer era para ser atividade de liberdade, criatividade, sociabilidade e autonomia, mas acabou se convertendo em mais uma mercadoria a ser consumida no *shopping*, criando uma sociabilidade destrutiva, pois onde se encontram as relações humanas nesse ambiente? Além de gerar a coisificação do lazer, esses locais geralmente só nos oferecem opções americanizadas.

Esses centros comerciais e a televisão acabam se tornando as únicas opções para preencher o tempo livre da classe média e alta no Brasil. O que podemos supor é que as pessoas estão buscando a felicidade na materialização dos sentimentos, dos desejos e do prazer. O "mundo de dentro" do *shopping* está conseguindo ser mais atraente que o "mundo de fora", a vida real. Há uma realidade cruel no "mundo de fora" que contrasta com essa cidade artificial.

Parece que estamos vivendo em um mundo enlouquecido, endurecido e consumido pelas regras de consumo, onde as pessoas, parafraseando Bauman, são um prato que você prova, mas não precisa terminar.

“Os valores humanos e o homem, como princípio e fim de toda ordem, foram afundando, afundando, afundando e se rendendo aos poderes de mercado. Só há sensores para o lucro, só se busca globalizar investimentos, só preocupam os rendimentos em expansão” (LEÃO, p. 7).

O exterior exerce um importante papel na formação de nossa identidade, que é transmitida, fundamentalmente, por meio da cultura, encontrando-se presente também em nosso imaginário. A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Pensar em identidade cultural significa possuir um sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, aquela em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas, pois a

mesma não é uma herança genética ela é construída ao longo de uma vida experienciada.

Em sua obra, Hall discute a questão da identidade cultural na chamada modernidade tardia, trazendo e tentando responder algumas questões. Um de seus questionamentos é se existe ou não uma crise de identidade, o que ela pode representar e quais seriam suas conseqüências. Para responder tais questões, o autor mostra que na pós-modernidade nos deparamos com uma mudança nas concepções de sujeito e identidade.

É importante ressaltar que a pós-modernidade não nega os pressupostos de períodos que a antecedem, mas promove uma releitura como se tivesse o propósito de reatualizá-los ou reafirmá-los.

O sujeito Iluminista dotado de razão, unificado, contribuiu para uma concepção bastante individualista do ser. Mas seu caráter imutável não poderia ser considerado como algo permanente, já que esse sujeito também se forma a partir da relação com outro ser, sendo, portanto, um sujeito em constante mudança e por conseqüência fragmentado.

À medida que o mundo moderno se tornava mais complexo, emergia a consciência de que essa essência interior do sujeito, determinante de sua identidade, inexistia. O sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas é formado com outras pessoas que lhe transmitiam os valores e símbolos, ou seja, a cultura. Assumia-se o entendimento de que a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade.

Como as sociedades modernas caracterizam-se, fundamentalmente, por serem sociedades de mudanças constantes e rápidas, o modelo sociológico interativo que é produto da primeira metade do século XX, começa a ser importunado por mudanças estruturais e institucionais. A noção de um sujeito como tendo uma identidade unificada e estável começa a ser substituído. Essa noção passa a ser

definida com base na história e não mais de forma biológica. O sujeito passa a assumir inúmeras identidades em diversos momentos.

Sendo assim, esse sujeito, denominado por Hall de sociológico, está sempre à procura de um equilíbrio entre a esfera pessoal e pública, ou seja, ele se encontra sempre buscando uma identidade fixa e permanente, mas nos dias de hoje, há um “deslocamento”, surgindo o conceito de sujeito pós-moderno.

Há uma espécie de perda de um sentido de si, que Hall denomina de crise de identidade. Esta é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma base estável no mundo social. Sobre isso, ele diz:

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (HALL, p.13).

O fenômeno da globalização e suas conseqüências interferem de forma direta na concepção de identidade cultural, por meio desse fenômeno há uma pluralização de identidades e, conseqüentemente, um jogo de identidades, pois em várias situações estas são contraditórias ou se cruzam, não existe uma identidade capaz de se ajustar a todas as identidades de forma abrangente.

Sendo assim, há um descentramento do sujeito do Iluminismo nas sociedades modernas e, conseqüentemente, das identidades. Esse descentramento foi favorecido por grandes avanços na teoria social devido às releituras do pensamento Marxista, ao pensamento sobre o inconsciente de Freud e Lacan, à pesquisa lingüística de Ferdinand Saussure, às análises de Foucault e à contribuição de alguns movimentos, especialmente o feminismo.



sociedade dominada pelo capital financeiro, *Cessão de direitos*. / *Levem o solo e o sub-solo*. / *É um país legal, super neoliberal* que se preocupa com a produção em larga escala, que elimina suas barreiras geográficas para permitir a competição do jogo globalizado *Tudo importado* e, principalmente, que investe maciçamente em propaganda para estimular cada vez mais o consumo.

De acordo com Hall, existem esforços de alguns que gostariam de recuperar as unidades, as certezas o que denominam de pureza anterior. Essa corrente deseja manter as identidades ao em torno de uma Tradição. Também existem aqueles que aceitam o fato de que as identidades sofrem interferência das mudanças que ocorrem na história, fazendo parte do que Hall intitula “Tradução”. Seria, portanto, pouco provável que se conseguisse voltar ao estado de pureza inicial.

Dentro do conceito de globalização, essa corrente de pensamento denominada Tradução compreende aos deslocamentos de identidade. Apesar do fenômeno da globalização dar a impressão de que haverá um retorno das identidades as raízes culturais e históricas ou de que essas identidades acabarão sofrendo uma homogeneização. Esse deslocamento será responsável pela formação de novas identidades que serão constituídas por meio da intersecção das novas culturas. Esse aspecto acaba sendo o responsável por algumas críticas de cunho nacionalista.

A sociedade moderna tem como principal característica estar sujeita a mudanças constantes. Essas mudanças são realizadas e experienciadas pelo próprio homem, pois são elas que fazem a história da humanidade. Como o próprio processo histórico mostra, somos os responsáveis pelo desenrolar da História.

A velocidade com que as mudanças estão ocorrendo gera um grande impacto nas identidades culturais que se modificam de acordo como o sujeito é interpretado. Essas identidades também sofrem com as mudanças de ordem política e ideológica do período. No caso atual, estamos convivendo com o processo de

globalização que traz consigo outros processos como o consumo exagerado, a comunicação de massa. Essas mudanças profundas que permeiam a nossa sociedade acabam com a estabilidade que aparentemente havia antes. É claro que não podemos nos transformar em uma sociedade imutável, mas devemos conservar tudo que fizer parte de uma construção coletiva e histórica, precisamos manter tudo aquilo que nos diferencia dos outros.

Desse modo, podemos afirmar que com relação aos conhecimentos culturais, a globalização proporciona uma forte tendência à homogeneização cultural mundial, pelo escoamento das culturas locais e a sua dominação *Tudo importado./ Aculturado*. Há uma forte tendência de tentar tornar as culturas nacionais, que são marcadas por traços bem particulares, em uma única cultura, mas esses traços impossibilitariam qualquer tentativa de se estabelecer uma única identidade cultural.

O comportamento do sujeito atual também está cada vez mais influenciado pelos meios de comunicação de massa. A rapidez com que essas informações são transmitidas é tão grande que em pouco tempo algo que era totalmente ignorado acaba se tornando uma epidemia. A ação crescente da mídia está padronizando as preferências, *Segura o tchan./ Tchan! Tchan! Tchan!* as motivações, os valores *Meu bumbum: papa fina. / Preferência nacional*, ou seja, o pensamento do sujeito e, por conseqüência, sua cultura *Bumba, bamba, bunda*.

Se a globalização rompe com as diferenças culturais e econômicas, ela atinge o seu objetivo estando lado a lado com a mídia. É por meio desta que o globalizador passa a uniformizar os padrões de consumo da sociedade, ou seja, do comportamento da sociedade em geral. *Seção de importados. / Jack Daniel, chicletes, games, /Reebok, rapadura, macacheira* e, por conseqüência, vai eliminando as diferenças culturais. Infelizmente, o que acaba prevalecendo são os

ideais de consumo daqueles que dominam o mercado: os patrocinadores da mídia.

Algo muito valioso para a mídia é o tempo, apenas quem possui dinheiro pode comprar seu tempo, desse modo, ela seleciona as idéias que estão de acordo com o pensamento daqueles que a mantêm economicamente *Salve a seleção (de basquete)... / da U.S.A., via canal da NET*. Os meios de comunicação, portanto, apresentam ao público todos os modismos que visam ao lucro dos seus patrocinadores. Temos, portanto, um conjunto formado pela mídia, pela Globalização e pelo capitalismo, pois o mercado é o sujeito oculto da globalização.

Sendo assim, podemos perceber que mídia e globalização são fenômenos interligados. A mídia possui a condição de vender e de legitimar o discurso global *Um enorme hipermercado. / Globalizado!!!*, transformando-o no discurso social hegemônico, já que é a única que possui a capacidade de transmitir as informações para todo o planeta.

A abertura de fronteiras proporcionada pelo fenômeno da globalização, que como foi visto, é realizada também com a ajuda da mídia, acaba gerando desemprego nos países periféricos, a população vai ficando cada vez mais debilitada, perde suas funções *Vermelho é o sangue / que escorre dos esgotos / desta nação*, pois agora precisa contar com a “ajuda” econômica das instituições financeiras dos países ricos. Esses países passam a exigir muita coisa em troca. Desse modo, infelizmente, com a globalização, há o favorecimento do sistema capitalista, refletindo de maneira negativa em alguns países mais pobres, *o maior superávit primário, / a maior fome, / o maior futebol, / a maior miséria* o que acarreta um desnivelamento social muito grande.

Podemos notar que, lançando mão do artifício tropicalista, a autora critica a ação da mídia *Plim! Plim! / Purpurina!* Se a mídia é a responsável por transmitir informações que privilegiam os interesses do seu patrocinador, então ela mascara

a realidade de acordo com os objetivos do seu “cliente”. Sendo assim, quando interessa, a situação de pobreza existente no país e a desigualdade social extrema *Pelos becos: lágrimas, suor e urina* não aparece na televisão. Porém, quando o assunto pobreza, vida nas comunidades carentes começa a repercutir com mais força, a mídia *Plim! Plim!* transforma em programa digno de horário nobre *Purpurina!* cumprindo, ao mesmo tempo, com o seu “papel de instituição” diante da sociedade.

No poema, vemos uma espécie de brincadeira irônica com as cores da nossa bandeira, mais uma vez insinuando que a mídia mostra uma imagem distorcida com o intuito de transformar o Brasil na realidade em um país espetacular “*País verde, amarelo, platinado*”. A cor platinada parece tentar esconder a imagem da pobreza, basta assistir às novelas em horário nobre em que o pobre mora em enormes apartamentos no Leblon. Quando, na verdade, a realidade não é bem esta *Pelos becos: lágrimas, suor e urina. / País muito vermelho. / É o comunismo chegando? / Não! Não! E não! / Vermelho é o sangue / que escorre dos esgotos / desta nação.*

Diante desse quadro, surgem inúmeras questões: é possível globalizar-se sem sacrificar a identidade cultural? Como passar por um processo que é tão relacionado às relações de poder estabelecidas na sociedade e não perder a totalmente a identidade? Se pensarmos que a globalização nada mais é do que a americanização do mundo, como ficam as formas de expressão artística e cultural de cada povo ou nação?

## **Ode à Tropicália**

Para Torquato Neto e Mário de Andrade

*Abro a janela e, orgulhosa,  
vejo um Continente:  
oito milhões de quilômetros quadrados,  
o maior rio navegável,  
o maior superávit primário,  
a maior fome,  
o maior futebol,  
a maior miséria,  
o maior carnaval,  
a maior floresta do mundo.  
É a maior! É a maior!  
É a maior roubada.  
Onça, quati, queixada.  
Em tempo, viva Ademir Menezes!*

*Viva Mané Garrincha!  
Viva a Copa de cinqüenta!  
Voa canarinho, voa.  
Xô periquito, pintassilgo, papagaio.  
Sabiá já foi pro exílio.  
Vocês não vão escapar.  
Duzentos milhões em ação.  
Salve a seleção (de basquete)...  
da U.S. A, via canal da NET.  
Búfalos, gaviões, rapinas.  
Um enorme hipermercado.  
Globalizado!!!  
Consumo, balança de pagamentos.  
Balança, quase cai, mas se agüenta.*

*Balança a vida, o rabo e a banda.  
Irajá, Copacabana, Ipanema.  
Super delícias para todos.  
Cessão de direitos.  
Levem o solo e o sub-solo.  
É um país legal, super neoliberal.  
Seção de importados.  
Jack Daniel, chicletes, games,  
Reebok, rapadura, macacheira.  
Ah, que orgulho!  
“Eta, lugar arretado  
parra eu jogar o minha esteirra.”  
Bumba, bamba, bunda.  
Meu boi: alcatra, rabada, coxão.  
De norte a sul, de leste a oeste,  
em nenhum lugar, encontrarás  
um filé-mignon como este.  
Meu bom: no pé.  
Samba, baião, hip-hop.  
Rock, axé, fox-trot.  
Guitarra, pandeiro, violão.  
Pixinguinha centenário.  
Carinhoso, carcará, canário.  
Pego, mato e como, que eu não sou besta.  
Besta, que mata, é a fome.  
Meu bumbum: papa fina.  
Preferência nacional.  
Gringo passeia, agarrado  
à boneca de pixe/cabelos de lã.  
Segura mãos, peitos, bunda  
Segura o tchan.  
Tchan! Tchan! Tchan!  
Repito meus senhores:*

*sinto orgulho de morar neste lugar.*

*Brasil: americano/asiático/africano.*

*Internacional!*

*MIXegenado! Mistura tudo.*

*Mistura fina, o mais novo prazer.*

*Branco/ índio/preto/*

*mameluco/mais maluco/*

*cafuso/confuso/*

*urubus/airbus/*

*dengo/dengue.*

*Quatrocentões sem grana.*

*Emergentes com grama:*

*celulares, BMWs, bytes, softs.*

*Nada mais importa.*

*Tudo importado.*

*Aculturado.*

*A Barra é nossa Miami.*

*Que beleza!*

*Colonização.*

*Capim colonião,*

*onde se esconde capivara,*

*anta, político, ladrão.*

*País verde, amarelo, platinado.*

*Plim! Plim!*

*Purpurina!*

*Pelos becos: lágrimas, suor e urina.*

*País muito vermelho.*

*É o comunismo chegando?*

*Não! Não! E não!*

*Vermelho é o sangue*

*que escorre dos esgotos*

*desta nação.*

*Laura Esteves.*

Bibliografia:

BAUMAN, “Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade”. In: *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. “A crise da ética hoje”. In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 146: 5/15, jul. - set., 2001.

\_\_\_\_\_ “A sociedade do conhecimento: passes e impasses”. In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 152: 11/20, jan. – mar., 2003.

ESTEVES, Laura. [www.almadepoeta.com](http://www.almadepoeta.com)

FUKS, Saul. “A sociedade do conhecimento”. In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 152: 75/ 101, jan. -mar., 2003.

LENINE. [www.lenine.lettras.terra.com.br](http://www.lenine.lettras.terra.com.br)

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles & CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mario Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

Referências sobre o Tropicalismo (Dicionário Cravo Albim da Música Popular Brasileira) [www.dicionariompb.com.br](http://www.dicionariompb.com.br)